

ECOS

da Academia de Saberes



Academia de Saberes de Aveiro

Praça da República – Casa Municipal da Cultura, 1º andar – 3810-156 Aveiro

Telefone 234108360; Telemóvel 963420530

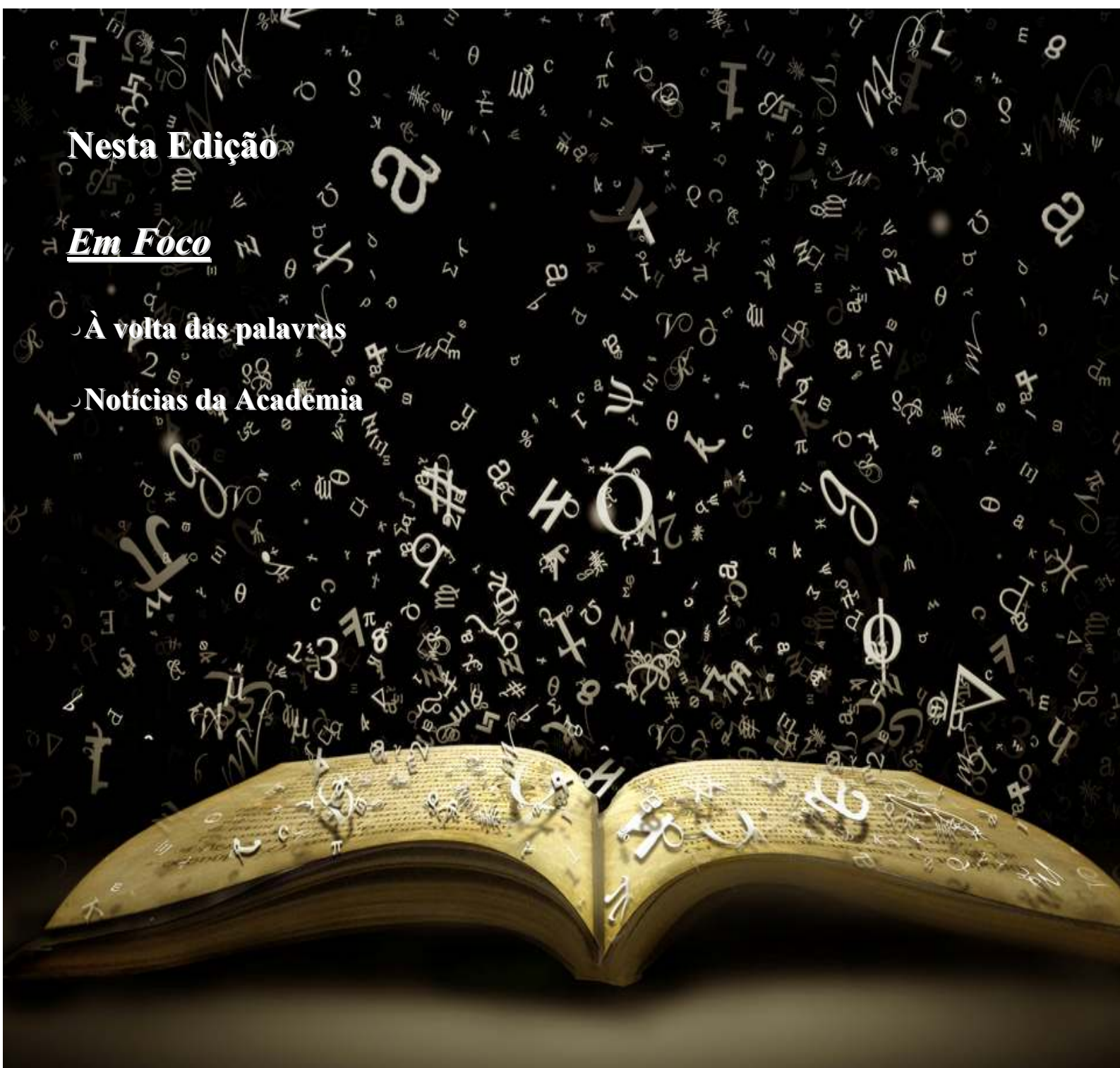
Ano VII - Nº 3 Junho 2013

Nesta Edição

Em Foco

À volta das palavras

Notícias da Academia





Ficha Técnica

Ecos da Academia de Saberes
Academia de Saberes de Aveiro

Coordenação e Redacção

Área de Comunicação

Informatização e Paginação

António Coutinho Dias e Maria Cacilda Marado

Nota: Escrito de acordo com a ortografia antiga.

Colaboradores desta edição

Aida Viegas
Albertina Vaz
Conceição Neiva
Eugénia Reis
Graciete Manangão
Isabel Maria Almeida
José Cachim
José Carreto Lages
José Luís Vaz
Lindonor Silveirinha
Maria Cacilda Marado
Maria Celeste Salgueiro
Maria da Glória Simões
Maria de Lurdes de Brito Afonso
Maria Helena Fidalgo
Maria José Sampaio
Maria Teresa Albuquerque
Rosinda de Oliveira

Editorial

Mais um ano de *encontros* na Academia de Saberes! Com outros formandos, outros formadores, outros amigos. Encontros à *volta das palavras*, da música, do canto, da dança, das viagens, dos sabores e dos saberes. Como só sabem fazer os que querem continuar a viver com entusiasmo e alegria. Um louvor a estes seniores que fazem da vida uma festa! O *Ecos* é, mais uma vez, um repositório de alguns dos momentos partilhados em *sã amizade* e em *sã camaradagem*. Mas é altura de descansar por uns tempos, de mudar de actividades. De outros encontros. A todos os que têm colaborado com este jornal, um agradecimento carinhoso e votos de um tempo de descanso favorável para todos os academistas. Em Setembro, reencontramo-nos.

Maria Cacilda Marado

Notícias da Academia

Visita a Coimbra



No passado dia 2 de Maio, a Área de Património e Arte, com o seu formador Dr. José António Cristo, efectuou uma visita de estudo ao Mosteiro de Santa Clara e ao Museu Nacional Machado de Castro, ambos em Coimbra.

Estava previsto também conhecer o Palácio de S. Marcos, mas tal não foi possível, por falta de tempo, uma vez que a visita ao Museu ocupou-nos praticamente toda a tarde.

Como o grupo visitante era muito grande, constituído por 52 sócios desta Academia, foi dividido para melhor acompanharem a visita guiada.

É de salientar que as notáveis obras de recuperação e valorização do Mosteiro mereceram vários prémios de arquitectura.

No Museu Machado de Castro, tivemos o privilégio de termos sido recebidos e guiados pela sua conservadora, que nos deu várias informações sobre o referido museu.

Começou-se por percorrer o interior do “criptopórtico”, com imensas galerias subterrâneas. Esta impressionante obra dos romanos, muito bem conservada, construída há cerca de 2.000 anos, suportava o fórum da cidade, o “Forum Aeminium”. Foi utilizado ao longo de vários séculos, tendo servido até de paço episcopal. Nele, foram encontrados vários bustos, em pedra e mármore, de imperadores romanos.

Fundado em 191, o Museu Nacional Machado de Castro é o segundo maior museu do nosso país, segundo nos informou a sua conservadora.

Contém colecções e peças desde o século I até ao século XXI, devidamente distribuídas por várias





secções: antropologia, azulejaria, ourivesaria, escultura, pintura, cerâmica, têxteis, mobiliário, numismática, etc. Na parte de escultura, encontram-se muitas peças de barro, de pedra e de madeira.

Foi salientado o facto de este museu guardar a maior colecção de escultura em pedra do país.

Na parte de pintura, uma das peças mais preciosas é o tríptico de Santa Clara, do século XV, sendo Vicente Gil o seu autor.

GM

Conversas

Vamos conversar. Foi assim que começámos a trocar ideias há já quatro anos.

Queríamos saber que temas as pessoas gostavam que fossem abordados para, eventualmente, convidarmos alguém mais versado nesse assunto do que nós.

Assim, foram convidadas pessoas que nos falaram dos mais variados temas desde a Felicidade, a Amizade, a Tolerância, a Crise, o Envelhecimento Activo, o Prazer de Ler a Arte e muitos outros. Este período, terminámos com A Forma de Continuarmos a Crescer, isto é, a mantermo-nos saudáveis e activos.

Os grupos não têm sido muito grandes, mas as pessoas foram muito participativas e não demos por perdido o tempo que dedicámos a esta actividade. Creio que todos sentiram o mesmo.

Despedimo-nos até ao próximo ano.

Eugénia, Graciete, Lindonor

Tuna canta para idosos

A recém-formada Tuna da Academia de Saberes de Aveiro deslocou-se ao Lar de Idosos de S. Bernardo, no passado dia 9 de Maio do corrente ano, por iniciativa da sua formadora Susana Ferreira.

Tratou-se de um “ensaio” especial, noutra espaço, em dia de aula (quinta-feira).

Mas o objectivo principal era darmos um pouco de nós, da nossa alegria de partilhar, cantar e conviver com os idosos que se encontram confinados naquele espaço.

Foram tocadas e cantadas várias cantigas populares. E, no final da nossa actuação, houve um agradável convívio, acompanhado de chá e bolinhos.

De salientar, que fomos muito bem recebidos pelos responsáveis daquele Lar, o que todos agradecemos.

GM

Mais um piquenique

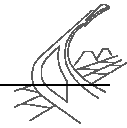


Foi no dia 12 de Junho que os formandos das Área de Comunicação, com a professora Cacilda Marado, em alegre encontro ao ar livre, celebraram o final das actividades lectivas. O local escolhido foi uma praia fluvial da Redonda, perto de Águeda. O sol radioso, os trinados dos passarinhos, o sussurro das águas e o tom verde da natureza foram as notas dominantes desse dia de encontro. A partilha de sabores e de saberes foi constante. O canto, a poesia e a dança estiveram na ribalta, mas as anedotas e o exercício físico primaram pela sua força. No entanto, a nota máxima será, certamente, para a amizade que, mais uma vez, uniu com força as vontades e os corações destes academistas.



Áreas da Comunicação I e II





A crise e os habilidosos

No dia 8 de Maio, estive presente na Área de Comunicação o professor catedrático jubilado, Felisberto Marques Reigado, que fez uma breve reflexão sobre o tema: *A crise e os habilidosos*. Começou a palestra com um brevíssimo resumo sobre a dimensão temporal das crises, tendo, neste ponto, sido referidas algumas das crises que Portugal atravessou ao longo da sua história, designadamente a crise do início do sec.XIV, com a peste negra no reinado de D. Fernando e muitas outras até à crise dos nossos dias. Foi abordada também a dimensão internacional da actual crise, tendo sido realçadas algumas deficiências na regulação financeira a nível mundial (FMI), a nível europeu (BCE) e suas consequências na especulação; realçado foi também o papel dos paraísos fiscais. A OMC e a sua abertura a países onde os direitos humanos não são respeitados foi igualmente apontada como uma das causas da crise a nível mundial.

No que se refere à dimensão nacional da crise, foram realçadas a fraca complexidade e competitividade do tecido económico português, por cujo agravamento são responsáveis todos os governos pós-adesão à CEE, a crise do sector imobiliário e a corrupção, entre outras. Aquando do debate, salientou que a política de austeridade está a ser desastrosa para Portugal, realçando que, sem crescimento económico, não será possível sair da crise.

Área de Comunicação

História e Arte

- Falando dos passeios de estudo e lazer... -

Em Fevereiro, saímos em direcção a Lisboa. A nossa primeira meta era o Museu Nacional de Arte Antiga e o objectivo em mente era ver e apreciar uma exposição temporária da qual já tínhamos ouvido falar nas aulas. Uma primeira paragem, para esticar as pernas e tomar um cafezinho quente, foi inevitável.

Já espairecidos e aquecidos, seguimos em direcção a Lisboa. Não tardou, chegámos ao museu e vimos numa das fachadas o anúncio da exposição “**A Arquitectura Imaginária**”.



Munidos que estávamos de alguns conhecimentos, fornecidos pelo nosso professor, sabíamos que iríamos gostar e apreciar. Quem nos guiou os olhos e a mente, estava muito bem documentado e era um excelente comunicador que nos prendeu a atenção até ao fim da visita. Entre pintura, escultura, arte sacra e ourivesaria, foi um olhar, ouvir, admirar e fotografar. Penso que ninguém sentiu cansaço. As peças apresentadas eram belíssimas e os nossos sentidos estavam presos a tudo o que víamos e ouvíamos.

Não me esqueço de como gostei de encontrar na exposição, em lugar de destaque e com excelente iluminação, o **Tríptico da Natividade** que veio de Guimarães, emprestado pelo Museu Alberto Sampaio.

Lindíssima peça feita em prata.

Duas coisas se contam sobre ela. Mais tarde vou fazer um “Power-point” e aproveitarei para falar nisso, depois de me documentar melhor sobre o assunto.

Estávamos cheios de sorte. Não foi preciso sair do museu para ir almoçar. Foi muito bom comer por lá, sem canseiras, e ficar à conversa sobre tudo aquilo.

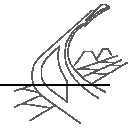
Constou-nos que íamos ter um bónus; o Professor conseguiu que subíssemos ao andar de cima para dar uma vista de olhos a dois quadros com muita história – Duas mulheres, Judite e ... pesquise na NET... vale a pena saber as histórias e ver telas, sobre o mesmo assunto, pintadas por outros mestres.

Vistas e comentadas estas pinturas, muitos de nós, aproveitámos para dar uma vista de olhos a outras obras.

Foi tempo de seguir para o “BUS” e meter rodas noutra direcção. A meta, agora, era o Museu Nacional dos Coches e o objectivo era tentar ir ver o que por lá estava.

Coches, uns em melhor estado de que outros, num ambiente um bocadinho escuro, no piso inferior.





Outros artefactos, como trompas, pequenos carros que pertenceram aos príncipes e que teriam sido puxados por pôneis, objectos de caça e outras peças mais foi o que vimos. Ouvimos falar sobre eles e seu papel naquela época.

No andar superior, esse varandim que percorremos, deu-nos uma visão mais alargada do conjunto de coches dispostos na zona térrea.

Visita de estudo dia 2 de Maio de 2013

Desta vez foi mais pertinente a nossa visita. O destino: Coimbra; os objectivos: **Santa Clara-a-Velha e Museu Nacional Machado de Castro**.

O dia foi dividido em dois, mas muito bem aproveitado. Novamente muita aprendizagem e muito regalo com o que vimos e ouvimos. Foi muito bom na margem esquerda do Mondego.

O que o Homem é capaz de fazer para salvar os seus monumentos! Nem sempre se consegue, mas seria bom que sempre fosse possível. Vimos o monumento exterior e zona envolvente e ainda tivemos oportunidade de ver o Edifício Museológico.

Na margem direita, lá fomos à procura do renovado Museu Nacional Machado de Castro.

O edifício é bonito e o exterior manteve-se. Conserva também a varanda com vistas para a Alta de Coimbra. Em Dezembro de 2012, acrescentou, portanto, mais uns pontos à sua história (conclusão das obras de requalificação).

Transformações profundas “**capazes de fazerem ponte entre o passado e o futuro**”. A autenticidade do edifício saíu reforçada e quase se criou um museu de raiz. Ao Edifício Episcopal (considerado Monumento Nacional) juntam-se agora novos corpos de edifícios.

Para o visitante, a visita começa com um túnel subterrâneo.

O labirinto **Criptopórtico**, agora visitável, que se esconde em dois pisos subterrâneos torna o museu único.

Não restam dúvidas, foi um dia de boa aprendizagem, e muito bem passado. No que diz respeito ao M.N.M.C. pensou o professor da disciplina e, todos concordámos, seria bom lá voltar.

Dia 14 de Junho vamos novamente a LISBOA para ver outra exposição temporária no **M. N. A. A.**, intitulada **Encomenda Prodigiosa**. Oportunamente, contaremos as nossas impressões sobre essa visita.

M. José Sampaio

Línguas Europeias

- Um encontro do conhecimento/aprendizagem -



Na sexta-feira, dia 7 de Junho, foi dia de Clube Europa, a sua última sessão neste ano académico.

Para fechar de acordo com anteriores encontros, em que se privilegiou a presença de personalidades de projeção europeia como o Dr. Pedro Dias ou o Prof. Doutor Júlio Pedrosa, desta vez a palestrante foi a Professora da Univ. de Coimbra, Rita Marnoto.

Esta docente, natural da vizinha Ílhavo, desenvolveu um percurso académico dedicado sobretudo às Línguas e Literaturas Modernas, tendo-se doutorado em Literatura Italiana.

Foi precisamente no âmbito do Italiano, enquanto Língua europeia, que incidiu a sua palestra, com a profundidade que lhe reconhecemos, mas com uma comunicação fluida e fluente adequada aos leigos ouvintes que nós éramos.

A Professora Rita Marnoto encantou pela sua proximidade, afabilidade e o entusiasmo que nos transmitiu, para além dos muitos conhecimentos. Todos os presentes prezamos muito esta língua tão musical e foi para todos muito gratificante perceber não apenas a razão dessa musicalidade, da gestualidade expressiva dos italianos e a importância dos dialectos, mas também descobrir a sua abertura à integração e a sua faceta universal. Deixou-nos dois livros para a nossa Biblioteca, um da sua autoria e outro de que foi coordenadora, que atestam a sua atividade multifacetada: para além de docente da FLUC, é-o também do Colégio das Artes, membro do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e do Centro Studi Europa delle Corti (Roma). Foi ainda Directora do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras durante este ano lectivo.

Convictos do enriquecimento de todos, agradecemos a disponibilidade para estar connosco na nossa Academia de Saberes.





Outras actividades desenvolvidas ao longo do período

- No dia 16 de Abril, a presidente da academia - Maria Teresa Coutinho Albuquerque - participou no Museu de Aveiro, na celebração do Dia Mundial da Voz, falando sobre *A importância da Música na Idade Maior*.
- Em 27 de Abril, o Coro da ADSA participou no VIII Encontro de Coros da Academia Sénior da Covilhã, tendo tido um acolhimento notável. A sua actuação merece também um forte aplauso.



- A 2 de Maio, realizou-se uma visita de estudo, promovida pela Área de Património e Arte, à cidade de Coimbra, tendo sido visitados vários pontos emblemáticos da cidade: Sé Nova, Museu Machado de Castro e Santa Clara-a-Velha.
- No dia 6 de Maio, as formandas da Área de Desenvolvimento Pessoal visitaram e almoçaram na Casa dos Afectos em Eixo.
- A 8 de Maio, a Área de Comunicação apresentou em conferência o Professor Catedrático Jubilado, Felisberto Marques Reigado, que se debruçou sobre o tema *A crise e os habilitados*.
- A 9 de Maio, o Grupo das Áreas de Bandolins e Guitarras, por convite da Câmara Municipal de Aveiro, tocou alguns temas no Simpósio sobre o tema: *Acção Social (Revolução silenciosa)*.
- No dia 18 de Maio, o Coro da ADSA actuou, a convite da Câmara Municipal no Museu da Cidade, nas Festas da Cidade e na comemoração do Dia Internacional dos Museus.
- No dia 19 de Maio, no Auditório do Seminário Diocesano, realizou-se o III Encontro de Coros de Universidades Seniores, tendo estado presentes,

além do Coro da ADSA, o Coro da Universidade Sénior de Espinho e o Coro da Universidade Sénior de Guimarães.

- No dia 29 de Maio, as Áreas de Comunicação tiveram na sua aula a presença da jornalista Maria José Santana que reflectiu sobre a actuação do jornalista, bem como sobre o Código Deontológico dos Jornalistas.
- A 30 de Maio, numa colaboração entre a Área de Artes Manuais e a Direcção da ADSA, realizou-se uma visita de estudo a Felgueiras, visita que contemplou três vertentes - o Património na Rota do Românico, a Gastronomia - visita à Fábrica do Pão de ló de Margaride, e as Artes Manuais com a visita à Casa do Risco.
- A 14 de Junho, a Área de Património e Arte visitou, no Museu de Arte Antiga em Lisboa, a exposição *Encomenda prodigiosa* e, no Palácio da Ajuda, a exposição de Joana Vasconcelos.

Como vem sendo hábito, nas 1^{as} sextas-feiras de cada mês, acontece o Clube Europa, nas 2^{as} sextas-feiras, o Clube de Cinema, nas 3^{as} sextas-feiras, o Clube de Inglês e, nas últimas sextas-feiras, "As Conversas na Academia".

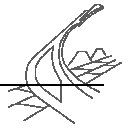
É de referir ainda que, sempre que o tempo meteorológico o permite, e o número de inscritos o justifica, a Professora Anne Bartlett organiza e acompanha *as Caminhadas* que aproximam todos os amantes da Natureza.

Maria Teresa Albuquerque

À Volta das Palavras

(Tema envolvente da Área de Comunicação)





Brincar com Palavras

Palavras

palavras primitivas

palavras textuais

as que sempre faltam
as que estão a mais

palavras de honra sacramentais

palavras sem peso que o vento leva como balões

palavrões

palavras riscando iluminadas
o céu da boca

palavras cruzadas
por beijos
por gargalhadas

palavras picantes erotizantes

palavras raras com pedigree

palavras de que toda a gente ri

palavras nuas e cruas

palavras de ordem
na desordem das ruas

palavras teatrais
de palco ou de cinema

palavras comuns banais
com que se escreve um poema

Helena

As palavras

As palavras são grilhetas,
Estão presas, amarradas,
São verdades, são tretas,
São emoções libertadas.
As palavras somos nós
Quando juntos ou sós,
São interiores que falam,
São crianças com bonecas que embalam
Como se fossem ondas do mar,
As palavras são o ar
Que respiramos sem pensar,
São gestos, são olhos, falas de mudo,
As palavras são ódio. São amor, são tudo.

Cachim

Palavras voam ao vento...
que trouxe até mim aquelas
em que falavas de amor.
Eram palavras perfumadas:
impregnadas de aromas
aromas frescos
suaves
doces
envolventes
cintilantes
aspergidos com a ânsia
da água salvífica

Aromas
estonteantes
como a lava do vulcão.
Raros
como pedras preciosas.
Ténues
como o luar.
Distantes
como o dia que se finda
como o sol que mergulha.
Longínquos como o eco.
Dispersos
como nuvens em céu azul.

Palavras esparsas frágeis
que se desvaneceram
e no vento se esvaíram.

Aida Viegas

À volta das palavras

Fazem valer a sua polissemia
Em textos, pronunciadas, algumas em sussurro,
Afáveis, lamurientas,
Ou agressivas, prepotentes
Acutilantes como armas,
Que ferem profundamente...
E, ainda, as sensatas, pacificadoras,
Calorosas, amorosas,
Que acalmam e fortalecem a mente...
Devem ser estas, as valorosas,
Em pensamentos, sentimentos, afectos emitidas,
Às diversas interpretações indiferentes,
Sabendo que, nem sempre,
São bem aceites, compreendidas...
Mas a missão é cumprida,
Quanto mais profunda for a “Essência” contida.

Conceição Neiva





À volta de uma palavra

Quando penso numa palavra, solta-se-me sempre a palavra “amigo”. E amigo é bom, é aconchegante, sabe bem quando soa o toque do sino no alto da montanha. Amigo é um calor no peito e um sabor a gelado na boca; amigo é uma flor que se colhe e uma borboleta que esvoaça; amigo é um canto que se ouve ao longe e se vem chegando devagarinho. Amigo é uma estrela que se esconde e um som que brilha cintilante e a mil cores.

Amigo é amigo e nada mais!



Amigo pode estar longe, mas sabemos-lo sempre perto; amigo é o toque dum telefone, uma mensagem, um *e-mail* – ou longos dias de silêncio que se esvaem pela planície e parecem não chegar nunca ao fim dum arco-íris que se desenha na linha do horizonte.

Os amigos escolhem-se ou talvez não! Um amigo pode ser um companheiro que sempre nos acolhe, um parceiro que voga pelos nossos caminhos, um igual que nos acarinha, um semelhante que nos contraria, um par que nos ajuda, um amante que conosco partilha passo a passo os dias de sol e as noites geladas.

Mas um amigo pode ser alguém que nos contraria, nos encontra, nos despista, nos confronta, nos agasalha – sem palavras, sem gestos, sem promessas. Pode ser um desconhecido que se cruza conosco numa esquina florida ou numa ruela discreta; pode ser um anónimo que se atravessa e nos diz: bom dia!

Um amigo pode ser um acordo ou um permanente desacordo, mas, mesmo assim, um amigo é um amigo e sabe a flores silvestres e giestas coloridas em dias de Primavera, quando o sol nasce e a lua se esconde por detrás da quimera. Pode ser um sonho, mas nunca é uma utopia.

Grave mesmo é quando um amigo se perde; grave mesmo é quando um amigo engana o seu amigo. Aí

quebra-se o elo de união e os amigos deixam de o ser e as noites passam a ser mais longas e mais distantes e os dias começam a arrastar-se num pesadelo do não querer, das recordações que se querem esquecer e das lembranças que pretendemos olvidar.

E é então que a palavra amigo dá lugar a outra bem mais triste e cinzenta. É uma palavra a preto e branco, com um fragância sem cheiro e um sabor sem gosto: traidor! Ser traído por um amigo é como perder a possibilidade de ver a vida a cores. E as amizades morrem e os amigos tornam-se inimigos ou passam a ser indiferentes. Encontram-se e dão grandes abraços e sorriem muito e dão gargalhadas, daquelas que fazem mover a cabeça, mas soam a disfarçado e ensurdecem sem se ouvir.

A distância pode separar os amigos, mas a traição acaba com a palavra amigo e destrói a amizade. Aí, não há nada que os volte a unir, porque a distância pode ser longe, mas tem sempre uma volta, uma roda redonda que se chama reencontro e sabe a maresia e cheira a sal. A traição porém cava fundo e não cede ao reencontro: fica lá onde tudo parece não se esquecer e onde a sombra se escurece.

Às vezes, perdemos um amigo por um pedacinho de nada, mas ele vai-se e é tão difícil trazê-lo de volta! Às vezes, nunca mais o temos de volta. E é triste perder um amigo, porque um amigo é uma coisa rara que se esconde por entre os caminhos sinuosos dum carreiro que não tem fim.

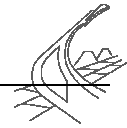


O contrário da palavra amigo? Não sei... amigo não tem contrário! Podia ser inimigo, mas não se é inimigo de um amigo; por isso mesmo amigo não tem contrário. Ou se é ou se não é, não há meio-termo, não se pode ficar nas entrelinhas nem se esconde no sótão esquecido numa casa sem tecto.

É por isso que, quando abro uma folha em branco e me sinto triste, sem palavras, sem sorrisos basta-me escrever AMIGO e logo o sol vem: é que eu tenho um Amigo e sei que, no dia em que a tristeza me invada ou a alegria se apodere de mim, ele está lá, à minha espera, com um abraço apertado e uma flor no coração.

Albertina Vaz





As palavras

As palavras prendem-nos
 Estamos insensíveis às palavras
 As palavras são loucas
 As palavras apontam caminhos
 As palavras podem ser levadas pelo vento
 O nosso comportamento fala
 As palavras são fonte de mal entendidos
 Nem sempre a falar as pessoas se entendem
 Quando não se faz como se pensa, acabamos por
 pensar tal como se faz
 As palavras abrem espaços
 Palavras loucas, orelhas moucas
 As palavras bondosas podem ser curtas e fáceis de
 dizer, mas o seu eco não tem fim
 As palavras denunciam, acusam
 Há palavras ambíguas que ferem como punhais
 O poder da palavra vence a palavra do poder.

Adriano Moreira

Mude o seu mundo!
 Mude as suas palavras!

Cachim

À Volta das palavras

À volta das palavras! Mas que vastidão! Querer
 falar das palavras é falar e sentir que se tem pela
 frente um universo sem limites.

Dêmos as voltas que dermos às palavras e
 acabamos embrenhados em pensamentos,
 sentimentos, alegrias, lágrimas, tristezas, euforias,
 sonhos, realidades vivas, realidades passadas,
 agradáveis, desagradáveis. Palavras de paz ou
 conflito. Tudo tantas vezes com uma profundidade
 que as nossas vidas se sobressaltam.

Reconhecemos que, pelas palavras, aprendemos o
 mundo, aprendemos as pessoas, aprendemos que,
 no silêncio das palavras, também podemos ser
 felizes e irradiar a felicidade.

As palavras ligam-nos aos outros e geram
 comunicação.

É preciso cuidar das palavras para que elas
 cumpram a sua missão de contacto com o mundo,
 numa relação pacífica e de amor.

O impacto, nos outros, da palavra mais simples é
 impossível de avaliar, porque tanto pode ficar na
 superfície como ir ao mais profundo do seu sentir e
 pode ajudar a transformar uma vida.

Não gosto do barulho das palavras. E nas palavras
 silenciosas uma nuvem cobre-me e ajuda-me a
 descobrir a alegria de as entender.

À volta das palavras! Que universo sem fim! Falta
 aqui o Poeta.

M. Glória Simões

Palavras

Palavras para quê!
 Quando vejo o teu olhar
 Meigo, puro, silente
 Isso é amar!...

Sentir teus lábios
 No teu beijar
 Tocar tuas mãos
 Afáveis como o luar
 Isso é acreditar!...

Palavras para quê!
 Acariciar tua pele
 Macia, suave a ondular
 Isso é, naturalmente, amar!...

Isabel Maria

A palavra

Quis encontrar a frase
 Que pudesse dizer
 O que me vai na alma
 E no meu coração.
 Pensei com toda a calma,
 Consultei a Razão,
 Entrei numa floresta de palavras
 E lá fiquei perdida
 Naquele labirinto
 Sem encontrar saída.
 Procurei, procurei,
 Mas quando sem esp'rança
 Eu ia desistir,
 Eis que a Palavra achei:
 Tão simples, pequenina,
 Quatro letras apenas,
 Irradiando luz,
 Espalhando calor.
 A Palavra é Amor! ...

Maria Celeste

Descobriu que a Terra é redonda

Brincou, e muito, com a roda e também com as
 palavras. Com estas, quiçá, até já tenha abusado,
 pelo jeito que, por fás ou por nefas, lhe dava a
 aprendizagem do emprego das palavras.

Aconteceu que, ao rodar o pensamento à volta das
 palavras, a imediata intuição da mente focou-lhe a
 imagem do círculo da roda da circunferência,





que, segundo a geometria, é uma roda perfeita e, ao magicar nela, passou a vê-la a construir-se e a avançar, como se fora uma roda, a fechar a roda dos limites que estabelece a linha da figura geométrica.

E o miolo da sua cabeça, que é uma bola, rodava a cena: “circunferência”; que raio de palavra onde, a partir do centro, se podem criar infinitos raios para a linha que define os limites da periferia, que é uma roda que fixa e baliza a bola da circunferência!

E mais. Deu-se conta de que, estabelecida a linha da roda da circunferência, das duas uma: ou ficava estranho a ela, isto é, fora da bola, à volta da roda, e nela não podia entrar, ou entrava na linha da roda da circunferência e mantinha-se no seu seio, e bem pensava: o seu seio é todo ele uma bola, que rola como uma roda e como uma perfeita bola e só dentro dela se pode rodar e circular.

Logo lhe havia de acontecer ficar dentro da circunferência, o mesmo é dizer: ficar sem a roda mas dentro da roda da bola.

Lá dentro, era difícil rodar os raios da bola do raio da circunferência e limitou-se a circular à roda da bola e a mentalmente rodar o que a bola da circunferência lhe podia dar.

Descobriu que na bola da circunferência podia fazer um circo, que habitualmente é uma tenda, em jeito de meia bola, implantada num círculo, à roda de um terreno onde as pessoas vão para rir e voltear.

Lá dentro, a toda a roda, construiu na circunstância, em semi-circunferência, uma rodada de bolas, para a assistência poder rodar as bolas.

Logo que o espectáculo começou a rolar e a rodar, foi o grande espectáculo de bolas, bolas e mais bolas, bolas de todos os tamanhos, bolas de todas as cores, e até lindas bolas de sabão que rolavam e rodavam no ar em carambolas, com o efeito visual que até lhe parecia estar a sonhar.

Mas, às tantas, com tanta bola, sentiu-se enclausurado na bola e enredado nos raios da roda da circunferência. Via as bolas a rolar e tudo à roda sem ninguém estar à sua roda.

Que aflição! Ainda se lá estivesse alguém da alta roda, que, recebendo de volta o preço do espectáculo das bolas, mandasse cortar a linha da roda da circunferência, para sair da bola! Mas não.

Faltou-lhe o ar e desmaiou. Começou a ver tudo a andar à roda dentro da bola da circunferência. E passou a acreditar que, se a roda era uma bola redonda e estava a rodar, tinha descoberto que a terra também seria redonda.

Escrita Criativa

Valha-nos o CSGG!

Existe há muito tempo um pequeno país ladeado por água, não se sabe se foi, porque a natureza assim o quis, se pela água metida pelos “regedores do reino”. Do lado oposto, virado a leste e também a norte, um outro país, maior, com pessoas, de menos brandos costumes e, talvez por isso, sem grandes “confianças” de vizinhança. A sul, mais água, mas em menor quantidade. Um barquito razoável chega a terra em pouco tempo. Dizem que são terras de África!...

Então conta-se que, naquele país, por influência dum “velho regedor”, que por lá se manteve uma série de anos, ainda hoje praticam uma filosofia influenciada pelos “orgulhosamente sós”, “somos pobrezinhos, mas honestos”, “cada um em sua casa é que está bem” e uns tantos outros que os herdeiros do reino foram implantando conforme o que mais lhes convinha. Quando livres do velho ditador, porque a morte o encaminhou, tiveram uma ideia fantástica. Qual “orgulhosamente sós” qual carapuça, vamos é tratar de vida. Havia uma organização, lá para a Europa, a que chamavam CEE, segundo constava formada por gente com ideais que tinham por princípio a solidariedade. Na época, era uma palavra que, naquele país pequeno, ladeado por muita água, era como se fosse uma coisa oca. Não fazia lá muito sentido... Todos juntos, objetivos comuns?... “Cada um em sua casa é que está bem”, o povo sempre o disse, sabe-se lá porquê? Se bem o pensaram, melhor o fizeram. Foi uma festa! Agora, dinheiro não ia faltar! Havia uma condição: fazer auto-estradas. Sem ótimas vias de comunicação era impossível o desenvolvimento. E então deitaram mãos à obra e toca a desenvolver o país pequeno que agora tinha oportunidade de se modernizar e até de crescer... Lá para o lado do mar, podiam-se fazer uns quilómetros de estradas... Os donos das empresas construtoras nem sabiam para onde se virar, tais eram as solicitações. E os ministros dos transportes? Esses, coitados, dedicavam-se tanto à causa pública que mais ano menos ano caíam lá, nessas empresas, e aqueles infelizes ficavam uma vida inteira a fazer estradas. Naquele país pequeno, havia agricultores e pescadores. Os primeiros, viviam do rendimento obtido no cultivo de terrenos rústicos. Os pescadores iam para o mar, logo ali ao lado, e assim angariavam a sua subsistência. Os regedores da CEE, lá da Europa, iam mudando e, com eles, os





princípios que norteavam as políticas, como eles diziam. Era e parece que ainda é assim. Há, também, aquilo a que chamam parlamento europeu, à imitação dos de cada país, que é como se fosse um grande armazém, onde se encontram os representantes dos povos da Europa. Coitados, longe das famílias, a trabalharem arduamente, ganham salários que mal lhes dão para tanta viagem. Para que tudo corra pelo melhor, há, no dito país, os que há muito abandonaram as suas zonas de conforto e, assim dedicados à sua missão, habitam grandes casas ou mesmo palácios, enormes, muito antigos, com certeza cheios de correntes de ar, de humidade... Chega a ser revoltante. Os agricultores deixaram de trabalhar. Os pescadores nem no barco entram. Uns e outros vivem ociosamente, à conta de quantias exorbitantes que recebem para nada fazerem. Até já se conta que doutores e engenheiros saídos das Universidades optam por ir cultivar as terras dos avós para as largarem passado algum tempo e assim ficarem bem de vida. Outros, inconscientes, o que querem é passeio e então vão por esse mundo fora. Nas empresas, que também as há, patrões e empregados, pura e simplesmente, fecham as portas e cada um vai à sua vida, não querem é trabalho. Claro que toda esta gente anda na boa. Por qualquer embaraço, dirigem-se aos bancos ou, se bem calhar, até por telefone, e emprestam-lhe o que pretenderem a juros miseráveis. Até já consta que aquela gente dos bancos está a passar por dificuldades... O escândalo, porque disso se trata, é tão grande, que o regedor supremo, do tal pequeno país, ainda há pouco tempo declarou em público que se via aflito para que o seu salário lhe chegasse até ao fim do mês! É uma vergonha... Lá na rua, desde o supermercado à loja do pronto a vestir, todos se queixam dos calotes do senhor. A penúria daquela gente atingiu o impensável: o ministro das finanças vive com tão poucos recursos, que dá a impressão de que já nem força tem para falar. Diz tudo pausadamente, muito devagarinho, a soletrar as palavras. Conta quem sabe que, lá em casa, muita fominha se passa. Claro que tudo tem um limite... A vida estava a ser demasiado penosa para estes senhores regedores e era preciso pôr termo a este estado de coisas. Então decidiram, para se compensarem do que penavam à semana, que passavam a juntar-se, de vez em quando aos sábados. Cada um levava o seu farnel e trocavam ideias sobre a forma como ultrapassar a crise de que estavam a ser alvo. O medo que tinham do povo era tanto, que se reuniam num forte, protegido por assustador corpo policial. Depois de muito tagarelarem uns com os outros, chegou o dia em que emitiram um comunicado.

- O elevado nível de vida conquistado por este nobre povo é o fruto da intensa persistência deste governo na defesa dos interesses dos cidadãos. Por outro lado, não podemos deixar de constatar, com meritória satisfação, que o nosso pequeno país detém os melhores índices de crescimento dentro do espaço geopolítico que ocupa. Convém, no entanto, realçar o espírito altruísta e a abnegação com que os detentores de cargos públicos têm optado por salários modestos em prol dos seus concidadãos. A dedicação é enorme pelo que é de elementar justiça considerar estas profissões de desgaste rápido. Tendo em vista a luta pela igualização dos diferentes sectores da vida nacional, vamos lançar uma taxa e não um imposto, dada a sobrecarga fiscal que já existe. Será, assim, o contributo solidário da geração grisalha (CSGG). Os devaneios da apelidada revolução de Abril favoreceram exclusivamente os jovens daquela época, agora grisalhos. Limitaram-se a fazer uns descontozitos e agora falta-nos dinheiro, principalmente, para os que serviram a nação pouco tempo, mas com muita qualidade. O CSGG irá contribuir para uma maior justiça social, atraindo assim investimento estrangeiro que criará emprego sempre necessário a qualquer grisalho. Todos sabemos que os grisalhos não são de mais para ajudarem filhos e netos da nação a terem uma vida próspera. Este país pequeno continua na rota dos descobrimentos. É uma vocação. Com o CSGG seremos mais iguais.

José Luís Vaz

As Mãos da Avó

Nesse tempo, as mãos da avó
eram paisagens secretas
de onde, palavra a palavra,
as histórias levantavam voo.

Havia um sublinhado musical
na linguagem dos seus gestos,
um encantamento dentro do encantamento;
brilhava-lhe ternura nas palmas abertas.

Mas era à hora das birras, à hora dos medos,
quando o escuro gatafunhava monstros nas paredes,
que os seus dedos guiavam como estrelas,
que as suas mãos em concha
cantavam embalos aos ouvidos das crianças.

Helena



Perscrutando

Só
 Aqui na sala
 Cheguei-me a uma janela
 E vi a cidade a mexer
 E um moliceiro a passar.
 Vinha ele e vinha ela
 E um braço a enlaçar
 Dando um nó no braço dela.
 A ria cegava
 E os braços deles não viam
 Que o brilho do sol queimava
 O amor que eles sentiam.
 Pararam
 E os dedos dos braços tremiam
 Mais se apertaram
 E na doçura do enlace
 Sorriram
 E deu-lhe um beijo na face
 O moliceiro passou
 A guia nem reparou
 E só o homem do leme
 Sorriu e... calou

Cachim

Desfalecimento

Aquela amante fogosa e sonhadora
 Que sou em cada dia
 Pareceu-me ontem que estava adormecida.
 Desperta desse sono
 Olha a vida
 Que passa num lampejo
 De alegria.

Algo exauriu
 As tuas forças?
 Tentou extinguir
 A tua chama?
 Possui-te o desalento e a tristeza?

Foi de certo um relançar do pensamento
 Àquela sordidez que te angustia.
 Um descer repentino
 Ao ninho da revolta
 À nascente da torpeza
 Às cavernas do medo
 Da nossa sociedade em agonia.

Reacende no peito a labareda!
 Não deixes apagar esse braseiro.
 Uma só chama acende muitas outras
 E poderá iluminar o mundo inteiro.

Aida Viegas

Vidas?!

Almas penadas
 vidas finadas
 a trabalhar

Vão-se na aragem
 da tarde
 voltam com o madrugar
 deambulam ao acaso
 no irreal de suas mentes transtornadas
 e sempre sem parar tão paradas
 para aqui para ali
 sem tino a orientar

Como pássaros feridos
 de asas derrubadas
 vão arrastando
 suas vidas perdidas
 desbaratadas decerto
 na arena
 dos muitos nadas

Com o olhar perdido
 almas cansadas
 jogadas e atropeladas
 nas marés de sagas passadas
 sem glória e sem razão.
 Foram seguindo sem norte
 pelos caminhos a rir
 mas que iam devorando
 seu coração distante
 no instante do existir

Outras paradas atiradas
 amorfas e apáticas
 inertes sem reacção
 nas margens do viver
 tantas vezes em vão

Amarguradas e amordaçadas
 que dor causam
 em meu peito!
 Mar da vida
 mar profundo que não aceito.
 Como entender
 certas coisas deste mundo?

Rosinda





Dia da poesia

Hoje é dia da poesia
 Dia de versejar
 Rimando
 O verbo amar
 Com sonhando.
 De tentar esquecer
 Que a dor
 O sofrimento
 Que rodeiam a vida
 Serão por um momento
 Uma lembrança esquecida.
 Apagada.
 Hoje é dia da poesia
 Esta palavra rimada
 Vale pouco
 Vale nada
 Vale o que vale
 E para quem a está a ouvir
 Calada
 Sentir-se-á pensar
 Reflectir
 Que há sempre um dia a seguir
 Que renasce e traz
 Momentos de paz
 Para quem está a sofrer.
 O dia da poesia
 Pode trazer apenas
 O esquecimento
 Das penas
 Que a vida lhe cravou
 Que doem
 Que magoam
 Que moem o corpo
 Que se agarram
 E não voam
 Porque pesadas
 Sem asas para voar-
 Custa muito sofrer
 De mais quando
 No longe que a vista alcança
 Não se nota
 Uma réstia de esperança
 Mas neste dia da poesia
 Talvez valha a pena pensar
 Que há luz no olhar
 E há o som dum coração a bater
 Ritmado
 Sem parar
 Mantendo o sangue a circular
 Na sua corrida
 É o alimento da vida

Que não para de batalhar
 Hoje é o dia da poesia
 Convém não esquecer
 É só e apenas mais um dia
 Que vale a pena viver

Cachim

Encontro

Encontrei Deus no meu caminho,
 Segui em frente, nem reparei.
 Ouvi chamar, bem de mansinho,
 Olhei então. Porquê? Não sei.

Vi que ia só, e sem carinho,
 Mas, tinha pressa, e arranquei.
 Parei de novo, um instantinho,
 Sabia que era filha do Rei.

Ouvi então, dentro de mim,
 Meu ser encheu-se de alegria,
 Aquela voz, dizer-me assim:

Estou aqui, dia após dia,
 Vai devagar, espera por Mim,
 Serei a tua companhia.

Aida Viegas

Inspiração

Por onde andas inspiração?
 Apetecia-me escrever
 Tenho a caneta na mão
 Só sai isto, estás a ver?

Por onde anda, perguntei
 Ao sol que me aquecia
 Só o ouvi dizer: não sei,
 Ando triste, sem alegria.

E eu fiquei mudo, parado
 De olhar fixo na estrela
 E senti-me abandonado,
 Olhei o céu, não quis vê-la.

Cachim





Postal da neta joana

Querido avô

Como ia passar a Páscoa a tua casa não escrevi o postal mas para já também te quero dizer que não sei como fazer porque na escola querem que a gente escreva à moda nova e tu nem nisso falas.

Não entendo porque é que quando te falo nisso tu dizes que essa maneira de escrever foi inventada para baralhar as pessoas e para mudarem os livros por onde tu estudavas.

Esta ideia de que tu estudavas deixou-me admirada porque a avó não diz isso. Será mentirosa?

Como sei que não é deves ser tu que és um brincalhão e queres passar por um sabe tudo sem estudar.

A minha professora diz que é preciso fazer os trabalhos de casa e estudar as lições, mas quando te disse isso tu só disseste que no teu tempo é que era e que quando havia exames andavas sempre atrapalhado e cheio de medo. Não sei porquê porque agora quando ouço falar em exames é só dezoitos e dezanoves e tu falas em dez e doze.

Assim acredito mais na avó, tu estudavas muito pouco.

Mas não quero falar nisso e agora só espero ver-te contente se o benfica ganhar.

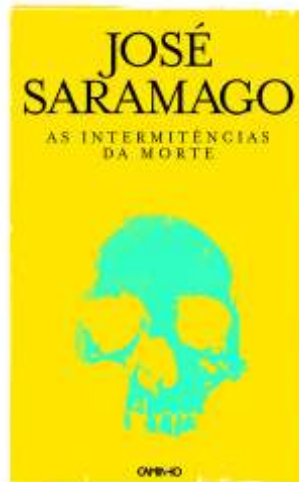
Um beijinho

Joana

Cachim



As Intermitências da Morte de José Saramago



Ler *As Intermitências da Morte* de José Saramago é ter a oportunidade de apreciar a criatividade, a fina ironia e o olhar atento sobre a sociedade de ontem e de hoje. Na verdade, pelas mãos do narrador, o leitor tem a oportunidade de reflectir sobre a morte, a religião, o medo, a incompetência, a corrupção, o oportunismo, o sentido ou o sem sentido da vida e sobre o amor.

À volta da *morte*, (refira-se a primeira frase do livro: “No dia em que ninguém morreu”), e da sua ausência, vislumbramos as atitudes pouco éticas da família, das agências funerárias, das companhias de seguros, dos *lares do feliz ocaso*, das máfias e dos governos. Bem assim, a ausência de valores dos que passam pela vida, “farejando” lucros e satisfação de interesses próprios. Com um uso seguro da palavra e da sua plurissignificação, o texto pede também ao leitor que o faça respirar, que o *pontue* mentalmente. Como que a dizer ao destinatário que precisa dele para preencher os vazios do texto, os espaços em branco que deixou para si. De diferentes modos, por diferentes caminhos.

O que eu segui, como leitora, levou-me a ver a personagem *Morte*, numa primeira fase, fazendo greve no seu poder de marcar o fim terreno do homem; numa segunda etapa, mostrando, de novo, as suas garras. E tudo isto para mostrar as vulnerabilidades e interesses do ser humano.

Todavia, há um tempo para tudo: um tempo para destruir, um tempo para rir, um tempo para chorar, um tempo para perdoar e um tempo para amar. A *Morte* apaixonou-se. Na verdade, o amor tudo perdoa, em tudo crê, o amor faz milagres.

Maria Cacilda Marado





Generalidades

A propósito da Voz

Se a Voz é a capacidade de falar, é também muitas vezes o grito e a queixa de quem se quer manter inserido numa sociedade à qual pertence e à qual, através duma actividade profissional, deu o melhor de si próprio. Queixamo-nos às vezes com muita razão de que não nos dão ouvidos, mas, integrados em Universidades Seniores, somos ainda o sujeito que se transforma e que ajuda a transformar, porque aprendendo, reaprendendo e partilhando conhecimentos, confraternizando, criando redes de afectos e mantendo-nos activos, envelhecemos mais sadiamente, mais abertos às mudanças. Somos então o sujeito que não só pratica a acção, como também a sofre, neste caso, a usufrui e a goza nas suas consequências mais positivas, porque dinâmicas.

Falamos com a nossa voz por nós, pela experiência de Vida que transportamos, pela sabedoria adquirida, pela intuição treinada durante décadas.

Com a nossa voz activa pugnamos pelo reconhecimento que a sociedade nos deve e pelo País a quem demos o melhor de nós próprios.

Chamamos pois a voz da consciência dessa mesma sociedade e dos nossos governantes para que nos considerem parceiros sociais de pleno direito a quem devem ouvir.

Somos cidadãos tão válidos como todos os outros-jovens e activos.

Não nos esqueçamos e não nos esqueçam.

Maria Teresa Albuquerque

Valência “fallera”

Numa recente viagem a Espanha, passando por Salamanca, Madrid, Valência, Alarcon, Toledo e Ávila, pretendo destacar a cidade de Valência, com as suas famosas e espectaculares “fallas”.

1 – A cidade de valência

A cidade de Valência é a capital da comunidade valenciana e localiza-se na costa mediterrânica, a leste de Espanha.

Trata-se de uma cidade muito antiga, com uma longa história, supostamente fundada pelos romanos, no ano 138 a.C. Foi conquistada, mais tarde, pelos árabes em 718. O domínio árabe na região valenciana decorreu entre o século VIII e o século XIII. As muralhas da cidade foram demolidas no século XIX, para permitir a expansão do espaço urbano.

Na comunidade valenciana usa-se frequentemente o valenciano, língua regional, diferente do castelhano e do catalão.

Valência é a terceira maior cidade de Espanha. Tem um porto comercial importante, muito antigo, a funcionar desde o século XIV, para escoamento dos produtos industriais e agrícolas da região.

A região valenciana tem uma intensa actividade industrial a par da actividade agrícola. Tem a maior frota de camiões frigoríficos da Europa. Transportam para toda a Europa, incluindo os países nórdicos, as frutas e os legumes frescos.

Valência é servida pelo comboio de alta velocidade, o TAV, que liga Madrid e Valência em apenas 1,30h.

A cidade foi atravessada pelo rio Túria. Porém, o leito deste rio foi desviado há mais de 20 anos, para o sul, onde fazia falta a água para irrigar. Foi desviado, graças a uma notável obra de engenharia hidráulica, porque o rio tinha muitas correntes instáveis, que provocavam graves inundações. A última inundação ocorreu em 1957 e em 1960 surgiu a ideia de desviar o rio.

Agora, no antigo leito do rio, há uma enorme e bonita área arborizada de lazer, ao dispor de todos os habitantes da cidade. Assim nasceu o “Jardim do Túria”, o parque municipal da cidade, por excelência.

Neste Jardim, além do espaço de lazer, com parque de jogos diversos e espaços para actividade física, há também espaço para a cultura, com o Palácio da Música e a admirável “Cidade das Artes e das Ciências”, com a área de 350.000 metros quadrados.

2 – A cidade das artes e ciências

Este espaço cultural situa-se no “Jardim do Túria”, onde outrora correu o caudaloso rio que atravessava a cidade de Valência.

De arquitectura arrojada e aerodinâmica, a chamada “cidade das artes e ciências” foi projectada pelo famoso arquitecto Santiago Calatrava, natural de Valência, o mesmo arquitecto que concebeu a Gare do Oriente, em Lisboa.

Principais edifícios :

- Palácio das Artes da Rainha Sofia, destinado a espectáculos de teatro e de ópera, com 4 auditórios.
- Museu das Ciências Príncipe Filipe, interactivo e dinâmico.
- Oceanário, o maior da Europa e o 3º do mundo, com a área de 80.000 metros quadrados. Foi projectado por Felix Candela. Apresenta mais de 45.000 animais marinhos, de 500 espécies diferentes.
- Hemisférico, planetário, com uma espectacular sala de projecções audiovisuais, a 3D.
- Ágora, edificio multifuncional.





A “Cidade das Artes e Ciências” é um outro mundo dentro da cidade.

A cidade de Valência desenvolveu-se muito após a construção deste maravilhoso conjunto arquitectónico.

3 – As “fallas” de valência

Em Valência, há muitas festas ao longo do ano, mas a maior e mais ruidosa é a festa das “fallas”. É também a maior festa popular em Espanha.

As festas das “fallas” realizam-se na cidade de Valência desde o século XVII. As “fallas” tinham a ver com a queima dos restos dos materiais usados pelos carpinteiros. Estas festas são dedicadas a S.José, o patrono dos carpinteiros. Por isso, têm o seu ponto alto no dia 19 de Março, dia de S.José e também dia do Pai.

Actualmente, as festas das “fallas” decorrem entre os dias 15 a 19 de Março, dedicada a S.José, padroeiro dos carpinteiros, a que se associa também a homenagem à Virgem dos Desamparados, que é a padroeira da cidade.

À meia-noite, no dia de S.José, em vários bairros da cidade, são queimadas várias figuras grotescas, com mensagens satíricas, feitas de materiais leves e inflamáveis.

Principais momentos das Festas das “Fallas” de Valência:

– Cortejo, durante dois dias, de milhares de jovens mulheres, vestidas com belos trajes tradicionais, com um ramo de cravos e que irão colocar no manto (feito de flores) de uma gigantesca imagem da Virgem, colocada na praça principal da cidade, em frente à Basílica da Virgem dos Desamparados.

– “Cavallada”, espectaculares danças de fogo, lembrando rituais pagãos.

– Queima das “fallas” das crianças (figuras mais pequenas), por volta das 10 horas da noite, seguindo-se depois a queima das “fallas” dos adultos, à meia-noite, sempre com a supervisão dos bombeiros. Há um concurso, quer para as crianças quer para os adultos. As que ganharem o primeiro prémio têm direito a ficar com um pedacinho, que ficará depois guardado no Museu das Fallas.

– Monumental fogo de artifício, junto ao Jardim do Túria, encerrando as festas, presenciadas por um milhão de pessoas, entre os dias 18 e 19 de Março.

A cidade muda completamente de dinâmica durante estes dois ou três dias de festa. O trânsito automóvel é fechado e o centro da cidade é invadido por milhares de participantes e visitantes.

É de realçar a notável participação e colaboração dos bairros. Cada um deles, organiza a sua comissão “fallera”, graças ao espírito de entreaajuda entre vizinhos.

GM

Lisboa Menina e Moça

Lisboa cheia de Sol, por isso “Menina e Moça”.

Estendida aos nossos olhos, abraça-nos em qualquer lugar onde queiramos parar. Toda ela é luz e cor, a cor do seu casario.

O rosa, o amarelo, o verde, resplandecem ao Sol.

Os monumentos cinzentos destacam-se pela beleza. São imponentes, são belos e lembram-nos a nossa história.

Olhada da outra margem, com o Tejo, à nossa frente, correndo para a sua foz, vemos a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos e o Mosteiro dos Jerónimos. Lisboa mostra-nos as suas colinas e, lá no alto o Castelo, com as ameias recortadas no azul do céu.

Aqui e ali, ainda vemos vários outros monumentos meio escondidos pelo casario e pelas árvores dos jardins que há por toda a Lisboa.

“Lisboa Menina e Moça” cheia de gente a correr, fazendo correr as suas vidas, fazendo os dias passar. Por vezes, ou quase sempre, há pausas para uma bica e, nesses breves instantes, tempo em que as chávenas esvaziam, entra beleza nos olhos para alegrar todo o dia.

As horas vão passando e o Tejo, que todo o dia brilhou como uma fita de prata, está cada vez mais bonito.

As cores do poente já pintam e os cacilheiros passando ligeiros, contrastam naquele brilho.

Passeou por alamedas e jardins e depois deste dia tão comprido que parecia nunca mais acabar, foi cada um para o seu lugar.

Chegou a casa feliz a par e par com a “estafa”, mas nos seus olhos trazia “Lisboa Menina e Moça” guardada para lembrar noutros dias.

E já, lá no alto prédio, um pouco de água bebeu para refrescar o cansaço.

Pela varanda, uma réstia de Sol entrava deslizando pelo corredor, dando uma cor diferente à casa e convidando ao repouso.

Dentro da casa já descansa e, lá fora, também descansa “Lisboa Menina e Moça”.

Descansa e janta essa “Menina e Moça” mais jovem que, mal surjam estrelas, já vai para a rua outra vez...

Lá vai Lisboa...

M. José Sampaio

